

# **COMO LUTERANOS ALEMÃES TORNARAM-SE BRASILEIROS?**

**[Um ensaio metodológico]**

**Sergio Odilon NADALIN**

*Bolsista do CNPq /  
Departamento de História / Universidade Federal do Paraná.*

**Alain BIDEAU**

*Centre Pierre Léon, CNRS /  
Université Lumière Lyon 2*

## Introdução

O título desta comunicação inspira-se numa pergunta, que introduz o comentário do Editor da Revista **Population**, quando da publicação de artigo produzido há algum tempo, como este a quatro mãos.<sup>2</sup> Na época, estava se dando conta do estado de uma pesquisa concernente a uma paróquia constituída por luteranos de origem imigrante alemã, cuja história desenvolvia-se a partir da segunda metade do século XIX, sincrônica e coerentemente com a história de uma cidade. Referimo-nos a Curitiba, constituída como Vila no final do século XVIII nas bordas do planalto e desde 1853 capital da então Província do Paraná. Tendo como referência a cidade, o grupo alimentou-se de um fluxo constante de imigrantes europeus até, principalmente, a década de 1930, combinando-se, num espectro mais amplo que atinge os dias atuais, com as migrações internas oriundas, no essencial, do Sul do país. Curitiba também foi o “lugar” em que o grupo se organizou para desenvolver atividades e obter vantagens de um sistema nacional mais amplo,<sup>3</sup> exercendo, inclusive, uma fórmula étnica de cidadania.<sup>4</sup>

A respeito da mencionada pesquisa, o dossiê ainda não foi encerrado. Dessa forma, esta contribuição, ao fazer um novo balanço da questão, tem como fundo mais uma “revisita” aos dados produzidos a partir da metodologia da reconstituição de famílias. Ao mesmo tempo, pretende-se ensaiar, numa versão ainda preliminar, uma metodologia visando à acumulação de indicadores que permitam melhorar nosso conhecimento a respeito da identidade étnica do grupo. O que implica explicitar alguns critérios *para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão* dos membros do grupo,<sup>5</sup> ao interagirem com a sociedade curitibana, aqui constituída pelos “outros”. Tal como vários textos anteriormente produzi-

---

<sup>2</sup> BIDEAU & NADALIN, 1988.

<sup>3</sup> BARTH, 1998:219.

<sup>4</sup> Essa “fórmula étnica” expressava-se numa frase, traduzindo uma idéia recorrentemente veiculada no período entre-guerras: “(Nós) queremos ser e permanecer: homens alemães, (e) honestos e bons cidadãos brasileiros”. DER KOMPASS, 1937. Número 87, *apud* WILLEMS, 1940:152-5.

<sup>5</sup> BARTH, 1998:195.

dos, resulta de uma frutífera colaboração entre dois pesquisadores, até há bem pouco propiciada pelos acordos CNPq-CNRS.<sup>6</sup>

### A história de uma linhagem teuto-brasileira

Para nos ajudar a problematizar o tema, narramos a seguir pequena história de uma “linhagem” imigrante, fundada por *Christian August* [11.11.1818] e *Christine Friederika STROBEL* [29.11.1825]. O casal constituía parte daqueles poucos emigrantes que decidiram partir por motivos políticos, embora razões sociais e econômicas não possam ser descartadas.<sup>7</sup> A Saxônia, de onde vieram, era uma entre muitas regiões alemãs na Europa oitocentista que estavam saindo praticamente de uma situação política e social herdada da Idade Média e das guerras de religião do início da Era Moderna. Numa determinada perspectiva, as revoluções de 1848 – das quais *Christian* e vários companheiros da cidade de Glauchau foram mais do que meros espectadores – e as agitações relacionadas às transformações da conjuntura e dos anos que se seguem traduziam atividades de uma sociedade cada vez mais aberta a novas idéias e, ao mesmo tempo, ao mercado.

O casal embarcou para o Brasil em 30 de setembro de 1854 com seus três filhos, *Emilie Bertha* [01.09.1846], *Gustav Hermann* [01.07.1851] e *Emil Robert* [1853].<sup>8</sup> O destino era a Colônia Dona Francisca, localizada não longe da costa e no norte do atual Estado de Santa Catarina.<sup>9</sup> Lá pretendiam obter um pedaço de terra para cultivar: carpinteiro, *Christian* não negava, assim, suas origens rurais.<sup>10</sup>

---

<sup>6</sup> BIDEAU & NADALIN, 1990; 1991; 1992<sup>a</sup>; 1992<sup>b</sup>; 1993; 1995.

<sup>7</sup> A respeito da biografia desse imigrante, ver STROBEL, 1987. Sobre a linhagem fundada em Curitiba pelo casal *Christian* e *Christiane*, ver MACHADO, 1998. Na memória do SYGAP, receberam como códigos os números (*indi.dbf*) 207 e 208.

<sup>8</sup> SYGAP: *indiv.dbf* 209, 210 e 211.

<sup>9</sup> A Colônia D. Francisca originou a atual cidade de Joinville.

<sup>10</sup> Era filho de um proprietário rural e mestre escola em Poppengruen (Vogland). *Apesar de ser o primogênito, podendo, portanto, herdar a propriedade, Christian preferiu aprender carpintaria e, após o término da aprendizagem, seguiu para outras cidades a fim de aperfeiçoar-se na profissão. Na viagem de regresso, chegou a Glauchau, onde se fixou e casou.* MACHADO, 1998:22.

A situação difícil na colônia e a falta de recursos para comprar um lote de terras pressionaram a família a se mudar para Curitiba, na década de 1850. Embora no início algumas atividades agrícolas de subsistência fossem desenvolvidas pelo casal, desde logo *Christian* procurou aproveitar a sua experiência profissional na cidade que se desenvolvia como capital de Província. Em Curitiba, sua mulher deu à luz mais três filhos: *Maria* [08.07.1855], *Anna Luiza* [07.12.1858] e *Fani* [17.11.1861].<sup>11</sup> Apesar de luteranos, a ausência de uma paróquia evangélica levou-os a batizarem suas filhas na Igreja Católica.<sup>12</sup>

*Emilie, Gustav, Emil, Maria, Anna e Fani.* Grifamos, aqui, os prenomes que encabeçavam os nomes de batismo dos filhos do casal. A nossa questão básica refere-se à possível influência do meio ambiente, principalmente etno-cultural, na “nomeação” das crianças. Dessa forma, para nos ajudar a refletir sobre o tema, deveremos tecer algumas considerações a respeito de como foram batizados os filhos de *Christian e Christine*.

Em primeiro lugar, há que observar que a nomeação dos filhos resultava de uma prática social largamente reconhecida, em que o nome é signo de reconhecimento e de *pertencimento*.<sup>13</sup> Refletindo sobre a questão na perspectiva étnica, um nome pode se constituir num sinal ou signo, um dos *traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade*.<sup>14</sup> Da mesma forma, traduzia um poder simbólico, exercido pelos pais do batizando, talvez em parte influenciada pelos desejos da mãe.<sup>15</sup> No caso dos três primeiros filhos do casal, cuja nomeação não resultava de qualquer interferência “étnica”, quiçá seja ainda possível

---

<sup>11</sup> SYGAP: indiv.dbf 212, 213 e 214.

<sup>12</sup> A *Deutsche Evangelische Gemeinde* em Curitiba foi instalada oficialmente no segundo Domingo de Advento, em 1866.

<sup>13</sup> “*Nommer le nouveau-né est un rite essentiel. Le nom est signe de reconnaissance et d’appartenance; il est attache.*” GÉLIS, “*Nommer, c’est socialiser*”. 1984:537-550. Pp. 537.

<sup>14</sup> BARTH, 1998:194.

<sup>15</sup> GUÉRIOS menciona uma referência a ROCHETAL [*Onomatologie ou Le Caractère par le Prénom*, Paris, 1908], discutindo a ingenuidade embutida na *onomatomancia*, superstição que vem de longe, na qual o nome “exerce ou poderá exercer influência na pessoa que o traz ou na sua vida”. Ao explicitar, refere-se à argumentação de que o referido autor faz uso, ao sustentar que é **a mãe que escolhe**, em geral, o nome do recém-nascido, situação especial para por em prática a crença de que poderá ver desenvolver na criança qualidades inerentes ao nome escolhido [personagens históricas, heróis de romance etc]. [1981:21].

indicar que, em última instância, deveriam ter intervindo na escolha a “família”, no seu sentido mais amplo, incluída a “família espiritual” (padrinhos, madrinhas).<sup>16</sup>

Não podemos ir muito longe nessas especulações. É provável que a designação dos três primeiros filhos resultasse de uma determinada relação desenvolvida na comunidade na qual o casal estava inserido, na Saxônia Alemã. Entretanto, para os problemas colocados neste texto, acreditamos que, ao optar por um nome de batismo, os pais de uma criança são ou estão influenciados por uma determinada herança;<sup>17</sup> ou seja, os nomes são emprestados de um *estoque* cultural, e a maneira de grafá-los refere-se à língua falada e escrita. Portanto, *Emil* ou *Emílio*, *Gustav* ou *Gustavo*, são versões diferentes de nomes usuais na nossa cultura ocidental. Ora, é justamente nessa questão que será dada relevância na presente comunicação, muito mais do que as motivações individuais que resultavam do desejo de honrar os avós, padrinhos, personagens bíblicos (ou o santo do dia)... ou, mesmo, cumprindo com outro tipo de homenagem. Da mesma forma, estamos aqui pensando na nomeação dos filhos, independente de qualquer crença relacionada à utilização de prenomes únicos ou múltiplos.<sup>18</sup>

Um indivíduo, ao imigrar, reconstrói suas relações com a sociedade que ele deixou para trás, em função da natureza dos contatos que estabelece com a sociedade receptora; em função, de modo igual, do confronto com as novas oportunidades

---

<sup>16</sup> “Aujourd’hui les prénoms sont choisis et conus longtemps avant la naissance de l’enfant. Le choix en revient aux parents et ceux-ci comprendraient mal qu’on veuille les priver d’une liberté qu’ils considèrent en effet comme un droit. Nos contemporains recherchent pour leurs enfants le prénom rare ou celui dont la consonance leur paraît élégante; mais en voulant se distinguer, ils tombent en réalité dans le plus parfait conformisme puisqu’ils ne font que répercuter la mode du moment. Il en allait tout autrement aux siècles passés, où ‘le désir d’individualiser l’enfant par un prénom original s’effaçait devant les impératifs de la filiation’, devant la nécessité de transmettre de génération en génération les biens réels et symboliques de la lignée; et le prénom jouait un rôle essentiel dans le patrimoine transmissible”. GÉLIS, 538.

<sup>17</sup> *Emil* e *Emilie* constituem a forma germanizada de prenome provavelmente latino, derivado de *Aemilius* (*Aemulus*). Vejamos os outras nomeações que compõem as combinações de nomes que identificam os três primeiros filhos do casal, nascidos na Alemanha: *Bertha* tem origem germânica; *Gustav* tem origem nórdica e germânica (no sueco, *Gustaf*, que se pronuncia da mesma maneira que na forma germânica); *Hermann* e *Robert* tem, de modo igual, proveniência germânica. GUÉRIOS, 1981:110,72,137,142, 212 (respectivamente).

<sup>18</sup> Na cultura cristã, o nome de batismo tinha uma dupla função propiciatória. Aquela de assegurar à criança a saúde e a felicidade no mundo, mas também uma boa morte e a vida eterna: era o nome de batismo inscrito no

geradas por um ambiente diferente. Dessa forma, ao emigrarem, os *STROBEL* cortaram, na prática, muitos laços que os uniam à comunidade “emissora”. Desligados da comunidade original, estabeleceram novas relações, seja com “compatriotas”, seja com membros da sociedade curitibana, reavaliando a orientação de seus valores fundamentais e os sinais ou signos por meio dos quais se identificavam. Refletindo a partir desses aspectos, pretende-se que os nomes escolhidos para as três filhas que nasceram em Curitiba traduzam essa nova situação, característica de uma história muito original.

*Christian*, sua mulher e filhos foram, de certo modo, pioneiros no processo de remigração que conduziu centenas de colonos de origem germânica da Colônia Dona Francisca para Curitiba. Sem recursos, dependeram em grande parte do trabalho que desenvolveram e “da boa estrela” do imigrante.<sup>19</sup> Nunca esmorecendo, *Christian* e *Christine* contaram também com a colaboração de várias pessoas, tanto de outros alemães como de proprietários brasileiros. Até algum tempo depois do nascimento de *Fani*, ainda viviam de diversos expedientes e do que ganhava o carpinteiro desenvolvendo diferentes tipos de trabalho. Não eram, essencialmente, artes da carpintaria; além disso, vendiam no mercado da cidade excedentes do que produzia a horta que plantavam no terreno das várias casas que sucessivamente alugaram até construírem a sua própria, e também ganhavam alguns trocados albergando imigrantes que passavam ou chegavam à região, ao sul de Curitiba e no caminho das colônias em Santa Catarina.

É importante frisar que foi no contexto inicial de um novo mundo de trabalho que construíram e do processo de inserção numa sociedade diferente daquela de onde eram originários, que nasceram os três últimos filhos do casal – *Maria*, *Anna* e *Fani*. A linhagem (re)constituía-se, assim, imersa num processo de socialização que incluía contatos comerciais e de trabalho no mercado propiciado pela cidade; essas relações amiúde desenvolviam-se com a demanda de contratadores de origem brasi-

---

“livro da vida” que se encontrava no céu, e era a maneira como poderia ser reconhecido, quando evocado nas orações. FINE, 869-871..

leira, muito embora, cada vez mais, seus serviços especializados fossem requisitados por mestres-de-obra alemães que marcaram a renovação urbana de Curitiba até, pelo menos, os anos 90 do século XIX. É nesse âmbito – e do crescimento econômico – que se desenrola um processo de maior inserção da família *STROBEL* no grupo imigrante, seja participando nas atividades comunitárias da igreja, seja em associações de caráter étnico.<sup>20</sup>

De modo que, se os nomes de batismos dos três primeiros filhos foram sem dúvida extraídos do estoque cultural germânico, algumas possíveis concessões podem ser indicadas na nomeação das filhas brasileiras. *Maria*, tanto na sua forma latina, como na sua forma germanizada (*Marie*),<sup>21</sup> era recorrentemente empregado pelos povos de origem germânica. Entretanto, talvez seja mais do que coincidência que a primeira filha brasileira tenha recebido um nome que tem um componente universal, possivelmente uma concessão ao sistema de registro de batismo católico, ou uma concessão à própria comunidade luso-brasileira. *Anna*,<sup>22</sup> por sua vez, constituía-se num prenome, comumente utilizado de forma combinada, como inclusive seria o caso (*Anna Luíza*); desde pelo menos o século XVIII, também era recorrentemente utilizado pelos brasileiros. Finalmente, é possível acreditar que a forma *Lui-za* teria sido utilizada como *Louise*,<sup>23</sup> se a criança tivesse sido batizada na Igreja Luterana – e não se pode mesmo deixar de lado a hipótese de que a menina fosse chamada, dessa forma, no espaço doméstico e privado.<sup>24</sup>

O percurso da família na comunidade étnica é visível a partir da fundação da paróquia: é digno de nota que todos os seis filhos de *Christian* e *Christine* casaram-

---

<sup>19</sup> MACHADO, 1998:09 e seguintes.

<sup>20</sup> Encontramos, por exemplo, traços da presença de *Hermann STROBEL* enquanto associado fundador da sociedade dos artífices alemães em Curitiba [*Handwerker Unterstützungs Verein*], em 1884. Seu irmão *Robert STROBEL*, pelo que parece, era mais ativo: foi Vice-Presidente na primeira diretoria dessa Associação, quando da sua fundação em 19 de julho de 1884 [50 JAHRE *Handwerker*, 1934:25], e várias vezes membro da diretoria [*Vorsteher*] do *Deutscher Sängerbund*, em 1890, 1891, 1895, e 1903 [NIEMEYER, 1934:42].

<sup>21</sup> *Maria* tem origem semítica ou hebraica. GUÉRIOS, 171.

<sup>22</sup> *Anna* é de origem hebraica e tem formas portuguesas, francesas, espanholas, inglesas. *Idem*:57.

<sup>23</sup> *Luíza* é a forma feminina de *Luiz*, *Luis*, cuja origem germânica é *Ludwig*. *Idem*:165.

<sup>24</sup> A experiência com a reconstituição de família mostra que, em muitos casos, o nome que originaliza a biografia de um indivíduo não é, numa determinada combinação, necessariamente o primeiro. Quando adulto,

se em Curitiba, na Igreja Evangélica Luterana; seus cônjuges também eram membros da comunidade. Até a terceira geração essa prática era mantida, preservando-se a linhagem como luterana: os 36 netos do casal nasceram entre a década de 1870 e os primeiros anos dos 1900, todos batizados na paróquia. Independentemente da motivação mais específica, a grande maioria deles foi nomeada com prenomes oriundos do estoque cultural alemão, recorrentes entre a primeira geração imigrante.<sup>25</sup> No conjunto, evidentemente algumas *Marias* e *Annas* foram arroladas, além de alguns prenomes que começavam a ser utilizados mais significativamente a partir do final do século XIX entre os membros da comunidade evangélica, anunciando novidades e, provavelmente, mudanças de comportamento. Refiro-me, por exemplo, a *Clara, Olga, Oscar, ...* além de um completamente original, *Fidelis*. No extenso rol das crianças batizadas na Comunidade, desde a fundação da Paróquia até 1987, não encontramos nenhum igual.

A partir da terceira geração, a linhagem começava a se dispersar: os 59 bisnetos arrolados originam-se da metade dos netos – 17 deles – que tiveram filhos seus batizados entre os luteranos. Nascidos a partir da década de 1900, os batismos concentraram-se principalmente por volta dos anos 10, estendendo-se até o início da década de 1930. Como foram nomeados esses bisnetos? De uma listagem de 52 nomes de batismo, 25 – 48% deles – foram extraídos ainda de um estoque inicial, “pioneiro” (agregados no que denominamos categoria I). Entretanto, 17 deles (33%) foram extraídos de um estoque novo, designado como “teuto-brasileiro” (categoria II), e 8 de um conjunto, digamos, “brasileiro” (categoria III, “cosmopolita” e urbano).

---

*Emil Robert* era conhecido simplesmente como *Robert STROBEL*, seu irmão *Gustav Hermann* também pelo segundo nome.

<sup>25</sup>Abstraindo as diversas combinações evidenciadas, referimo-nos aqui somente aos primeiros nomes: *Ade-lheid, Albert, Alfred, Alwin, Anton, August, Bertha, Charlotte, Emil, Emilie, Ewald, Franz, Frieda, Friedrich, Gustav, Hermann, Julius, Max, Otto, Robert, Rudolph, Paul*. Por absoluta falta de espaço, não temos condições de listar todos os prenomes desta primeira categoria de prenomes de batismo. Ver Categoria I, adiante.

Do que estamos falando? Esse ensaio metodológico refere-se a uma intenção, na perspectiva da história, de ampliar e, eventualmente, aprofundar análises já realizadas do grupo em evidência, considerando as mudanças havidas na constituição e organização da comunidade étnica. Nossas hipóteses de trabalho fundamentam-se na idéia de que “categorias” de nomes de batismo – enquanto signos de identidade, como foi mencionado – podem nos ajudar a compreender a dinâmica das *fronteiras étnicas*<sup>26</sup> construídas pelo grupo, no interior das quais a linhagem *STROBEL* inicialmente se insere.<sup>27</sup> Assim sendo, devemos esclarecer os juízos que foram utilizados para definir essas categorias.

Como primeiro passo, foi realizado um levantamento exaustivo dos nomes utilizados nos registros de batismos e que deduzimos terem sido trazidos na bagagem dos imigrantes. A listagem resultante foi feita a partir dos nascimentos de todos os filhos dos casais com histórias matrimoniais iniciadas na comunidade luterana entre 1866 e 1894 (*coorte I*), seja a partir do casamento, seja do primeiro filho nascido na paróquia.<sup>28</sup> Os prenomes em questão podiam se apresentar de forma combinada ou não; de modo igual, não consideramos as suas recorrências, o que resultou na contabilização de 65 nomes masculinos e 71 femininos, constituindo o que denominamos **categoria I**, acima referida.<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> BARTH, 1998:195-7. Na perspectiva desenvolvida por esse antropólogo, *o ponto central da pesquisa torna-se a fronteira étnica que define o grupo e não a matéria cultural que ela abrange. As fronteiras às quais devemos consagrar nossa atenção são, é claro, as fronteiras sociais [...] [p. 195].* Entretanto, as fronteiras implicam “contatos”: *Assim, a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação da interação que permite a persistência das diferenças culturais [p.196].*

<sup>27</sup> Ficou evidente, pelas conclusões passíveis de serem desenvolvidas a partir da análise do quadro 1, adiante, que parte significativa dos descendentes de *Christian STROBEL* excluem-se do grupo. Portanto, o primeiro critério de *pertença* é a permanência nos registros da paróquia.

<sup>28</sup> No jargão da demografia histórica, famílias “M” e “E”, respectivamente.

<sup>29</sup> É necessário agregar que o inventário resulta de um certo arbítrio. Primeiramente, a lista não contempla somente nomes originalmente “germânicos”, assim definidos com o auxílio de dicionários [GUÉRIOS, 1981 e, subsidiariamente, CASTRO, 1951]. Por exemplo, *Johann* (e *Johanna*), um prenome extremamente comum entre os pioneiros e seus filhos, foi listado apesar de sua origem hebraica. Da mesma forma, *August(a)* e *Christian (Christine)*, de origens latinas. Entretanto, esse arbítrio determinou, por exemplo, excluir dessa categoria I *Fidelis*, atribuído a uma criança nascida em 1880, considerado extravagante [uma das características dos prenomes arrolados na categoria III]; de modo igual, *C[K]lara* (1876), *Olga* (1884) e *Oscar* (1888), porque são nomes de batismos recorrentemente utilizados no século XX, um dos critérios para definir a categoria II. Não há espaço, nessa comunicação, para o detalhamento da metodologia, que demandaria algumas páginas.

A construção da listagem que constitui a **categoria II**, o nosso segundo passo, tem como fundamento uma experiência, adquirida com a reconstituição das famílias do grupo, principalmente (mas não só) no que se refere às coortes de casais cujo início de observação delimitaram-se no período 1895-1919 (*coorte II*) e 1920-1939 (*coorte III*). Os procedimentos concernentes permitiram verificar que era muito freqüente o aportuguesamento de nomes de batismo, que ocorria durante o próprio ciclo de vida de indivíduos nascidos da primeira geração. É de se acreditar, por exemplo, que *August* (neto de *Christian STROBEL*, nascido em 1890), ao se fazer conhecer na cidade – já adulto – como *Augusto*, estava dessa maneira tentando transpor fronteiras, mudando um dos “traços diacríticos” que revelava sua identidade. Reforçava uma tendência nessa direção, ao batizar seu filho como *Arnoldo Edwino* (1916) – um óbvio aportuguesamento das tradicionais fórmulas *Arnold Edwin*, listados na categoria I. Entretanto, um primo seu nascido quase dois anos antes era batizado com o sonoro nome de *Waldemar Siegfried*, o que caracteriza o caráter contraditório e étnico dessa categoria. Dessa forma, tempera essa segunda listagem prenomes como *Waldemar, Siegfried, Wolfgang, Ingrid, Margit*, e outros, **que não foram encontrados no estoque original** (categoria I) mas que, acreditamos, constituem a marca de uma identidade; consciente ou inconscientemente, os pais das crianças batizadas com esses nomes ainda estavam delimitando fronteiras.

Dessa forma, a definição dos 69 nomes masculinos e 87 femininos que compõem esse segundo conjunto, com prenomes que denominamos “teuto-brasileiros”, foi mais complicada do que a primeira, exigindo às vezes decisões que, a nosso juízo, poderiam ser discutíveis. Se, de um lado, nela foram incluídos nomes oriundos da primeira categoria e traduzidos para o português – como *Joana, Carlos, Edmundo, Adelaide, Teresa* –, também contém alguns cuja origem é evidentemente germânica, e que não constam da primeira lista.

Finalmente, o primeiro critério para integrar a **categoria III** (denominada “brasileira”) era, primeiramente, de não ser de origem alemã (*Fidelis*, por exemplo); em princípio, também se excluíram aqueles que foram trazidos, como foi menciona-

do, “na bagagem imigrante”, traduzidos ou não. Entretanto, alguns prenomes que tinham sua versão na categoria I foram incluídos nessa categoria, tais como *Eduardo, Guilherme, Ricardo, Amélia, Paula, Inês*. Porque a base dessa listagem, que não não tinha porque – era, mesmo, impossível – ser exaustivamente arrolada, eram nomeações fundadas na herança cultural da sociedade brasileira e, principalmente, na moda; isso os torna de uso corrente e extremamente mutáveis.<sup>30</sup> A utilização significativa desse estoque, em princípio muito mais vasto, poderia traduzir francamente um processo de integração ou assimilação, ou desestruturação das fronteiras étnicas.

O fato de os casais do primeiro subgrupo terem utilizado nomes de batismo catalogados na categoria III ou categoria II traduz uma aparente contradição ao que foi dito a respeito dos critérios utilizados para a definição delas. Com efeito, algumas decisões tiveram que ser tomadas, sempre considerando como vetor o objetivo geral da pesquisa. Por exemplo, o prenome *Anna* é extremamente recorrente nas duas primeiras coortes e, mesmo, entre os casais cujos ciclos matrimoniais iniciam-se na comunidade depois de 1920 e 1940. Dada a sua característica e seu caráter multiétnico, tínhamos duas opções: guardá-lo na listagem geral ou eliminá-lo. Decidimos manter este nome, considerando-o como categoria II – porque se trata de uma categoria intermediária. Portanto, muitas vezes tivemos que tomar decisões, gerando uma certa imperfeição nas bordas da metodologia. Acreditamos, entretanto, que o acerto geral elimina as possíveis contradições e os arbítrios inerentes aos procedimentos adotados.

Talvez, melhor do que o tateamento acima, uma tabela construída a partir de uma listagem exaustiva de todos os descendentes do nosso casal fundador autorize análises mais esclarecedoras:

---

<sup>30</sup> Ver nota 15.

**Quadro 1 - A Linhagem Strobel – Escolha dos Primeiros-Nomes de Batismo, segundo categorias e em função das gerações – séculos XIX-XX**

Gerações	Categorias			
	I	II	III	Total
1 <sup>a</sup>	03 [50%]	03 [50%]	-	06 [100%]
2 <sup>a</sup>	<b>28 [78%]</b>	07 [19%]	01 [03%]	36 [100%]
3 <sup>a</sup>	<b>28 [47%]</b>	<b>23 [39%]</b>	08 [14%]	59 [100%]
4 <sup>a</sup>	03 [06%]	15 [28%]	<b>36 [66%]</b>	54 [100%]
5 <sup>a</sup>	-	05 [23%]	<b>17 [77%]</b>	22 [100%]
Total	62 [35%]	53 [30%]	62 [35%]	177 [100%]

Fonte: Arquivo da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – CELC-UP  
SYGAP – indiv.dbf.

Sabemos que as fronteiras étnicas *são mantidas por um conjunto (l)imitado [sic] de traços culturais*. A comunidade constituída de imigrantes e descendentes teve uma continuidade e uma persistência no tempo, caracterizado, de um lado, por diferenças culturais e, de outro, por alterações *da unidade resultantes das mudanças nas diferenças culturais definidoras da fronteira*.<sup>31</sup> Isso é evidente, a nosso ver, nas modificações das preferências dos nomes de batismo em cada categoria, mostradas no quadro 1; em especial, pelo seu caráter relativamente híbrido no que concerne à etnicidade – a categoria II. Nessa complexidade, os nomes de batismos refletiriam, de um lado, originalidades culturais definidas pelas fronteiras étnicas. De outro, temos claro que a nomeação dos filhos sofria também influências outras, uma vez que a fronteira não restringe a substância cultural de um grupo: *ela pode variar, ser reconhecida e mudar, sem nenhuma relação importante com a manutenção das fronteiras do grupo étnico*.<sup>32</sup>

<sup>31</sup> BARTH, 1998:226,

<sup>32</sup> *Idem*, 226-7. O autor continua: *Assim, quando se retraza a história de um grupo étnico ao longo do tempo, não se está, simultaneamente, no mesmo sentido, traçando a história de uma “cultura”: os elementos da cultura presente de um grupo étnico não surgem do conjunto particular que constituiu a cultura do grupo em um período anterior, embora o grupo tenha uma existência organizacional contínua, com fronteiras (critérios de pertença) que, apesar das modificações, nunca deixaram de delimitar uma unidade contínua [227].*

Muito embora não tenha sentido estatístico tirar conclusões a respeito da primeira geração, constituída de modo muito peculiar, é evidente que as cifras acima refletem a originalidade da história do casal STROBEL. Observamos, também, que os números, de maneira geral, expressam a dispersão dos descendentes a partir da quarta geração. Do ponto de vista cultural ou, talvez melhor, *etno-cultural*, abstrairíamos esse fenômeno guardando simplesmente os números relativos.

O que nos indicaria a escolha dos prenomes de batismos? Que, na segunda geração, 78% dos netos de Christian e sua mulher receberam nomes oriundos do estoque cultural imigrante original (categoria I). É na terceira geração, entre os bisnetos, que se evidenciam mudanças mais substantivas. De um lado, diminuindo o número de nomes da categoria I (de 78 para 47 por cento); de outro, aumentando significativamente o número de prenomes da categoria II (de 19 para 39 por cento). Enfim, anunciando a inversão indicada pelas quarta e quintas gerações (categoria III).

Os “recortes” do quadro 1 foram realizados a partir de critérios genealógicos. Entretanto, talvez seja mais útil aos nossos propósitos imaginarmos outro tipo de organização dos ciclos vitais dos indivíduos que se congregaram na comunidade dos luteranos em Curitiba, agregando-os em função de coortes de casais, como foi anunciado antes. Referimo-nos ao fato de que os descendentes de *Christian August* e *Christine Friedericke*, ao se unirem a um homem ou uma mulher, constituíram ciclos matrimoniais na comunidade. Estes poderiam ser associados a outros, considerando outros critérios, tendo em vista os principais períodos da história dos luteranos em Curitiba.<sup>33</sup> Foi dessa maneira que estabelecemos as balizas temporais que separaram o início das histórias matrimoniais dos subgrupos de casais observados a partir da organização paroquial.

## Ciclos matrimoniais e etnicidade

*Christian August STROBEL* e sua mulher *Christine* agregam-se, dessa maneira, a outros casais que somam-se na primeira coorte, delimitada entre os anos de 1866 – a paróquia foi fundada no segundo Domingo de Advento – e, um tanto arbitrariamente, 1894. Acreditamos que foi bastante apropriado denominarmos esse primeiro subgrupo de “pioneiro”, constituído de imigrantes e seus filhos que procuravam um novo meio de vida inseridos numa sociedade que apenas iniciava seu ciclo urbano. Tal fato marcava as iniciativas dos estrangeiros. De um lado, havia os que viviam da terra em pequenas chácaras relativamente distantes do centro de Curitiba, mas estavam preocupados em produzir e encaminhar excedentes para o mercado. De outro, havia aqueles de origem “urbana”, como nosso casal fundador, mas que, em função das contingências e da sua própria herança cultural, não se furtavam a práticas de origem camponesa.

As regiões “alemãs” na Europa estavam saindo praticamente de uma situação política e social herdada da Idade Média e das guerras de religião do início da Era Moderna. Em consequência, os imigrantes de origem germânica que partiram antes da chamada Revolução Industrial na Alemanha, traziam ainda consigo práticas medievais fundadas nas corporações de ofícios.<sup>34</sup> Numa determinada perspectiva, as revoluções de 1848 – das quais *Christian* era “filho” (os chamados *1848<sup>er</sup> Kinder*, os homens do *Märztage*, dos dias de Março<sup>35</sup>) – e as agitações relacionadas às transformações da conjuntura e dos anos que se seguem traduziam atividades de uma sociedade cada vez mais aberta a novas idéias e, ao mesmo tempo, ao mercado. Comerciantes e artesãos, desenvolveram desde a década de 1860 atividades secundárias e de serviços em Curitiba.

Tudo isso manifesta um intrincado social e cultural escondido pela aparente homogeneidade revelada pela escolha dos prenomes: 72% das crianças oriundas da

---

<sup>33</sup> NADALIN, 2000:18-42. Esses períodos, que variam mais ou menos em torno de 25 anos de duração, correspondem aproximadamente ao critério que o senso comum utiliza para definir uma “geração”.

<sup>34</sup> PEREIRA, 1996:42,

primeira coorte eram batizadas com nomes de um estoque cultural “imigrante” (ver quadro 2, adiante). Algumas estruturas, em particular aquelas de natureza demográfica, assinalam a dificuldade que esses imigrantes tiveram em construir um amálgama étnico e social comum, nesta primeira geração. Seus indicadores apontam para comportamentos e mentalidades que, ao que tudo indica, simultaneamente vinculam, contrastam e sobrepõem visões de mundo a respeito da família, do sexo e do matrimônio.

Os dados obtidos por meio da conveniente associação de suas fichas de reconstituição de família assinalam que parcela significativa desses casais não se utilizou da contracepção durante o período virtualmente reprodutivo de seus ciclos vitais. Porém, em termos “médios”, as mães observadas tiveram sua fecundidade diminuída gradual e “*naturalmente*” até uma idade de 38,6 anos. Isso significa que uma fração importante dessas mulheres serviu-se, na prática, de todo o ciclo de vida fértil para constituir suas descendências, em torno de seis a sete filhos por casal (ver as tabelas anexas).

Essa última referência deve ser enfatizada, pois a distribuição dos dados e o resultado dos cálculos realizados permitem supor que, no primeiro subgrupo considerado, uma parcela de casais usava de forma difusa, ou talvez mesmo bem disseminada, métodos que visavam impedir a concepção, ou mesmo interromper a gestação.<sup>36</sup>

Essas análises salientaram que a maior parte das famílias pioneiras parece ter mantido um comportamento relacionado à natalidade semelhante ao de seus irmãos, pais e ou avós na Europa.<sup>37</sup> Contudo, de maneira diferente, os imigrantes *anteciparam* em Curitiba o início da idade reprodutiva, parte de uma ampla reavaliação dos

---

<sup>35</sup> MACHADO, 1998:17.

<sup>36</sup> Entre as famílias do subgrupo pioneiro, que tiveram uma descendência total calculada de 6,8 filhos em média, a distribuição das crianças geradas revela um certo equilíbrio entre o número de famílias pequenas, médias e grandes – respectivamente de dois a quatro, cinco a sete, e oito a dez filhos. [NADALIN, 1978: 322-323]. Por outro lado, descendências completas calculadas para o subgrupo católico de origem germânica em Curitiba revelam igualmente comportamentos diferenciados, estes tendendo aparentemente a terem menos filhos do que os luteranos [RANZI, 1996:120].

<sup>37</sup> NADALIN, 1978:310; BIDEAU & NADALIN, 1988.

valores fundamentais que trouxeram consigo. De fato, os rapazes e as moças do grupo casavam-se em média mais cedo do que seus conterrâneos que não emigraram. Referimo-nos às mulheres em especial: aqui, em torno dos 21 anos; lá, entre os 26 e 27, se pudermos generalizar algumas estatísticas elaboradas por alguns estados alemães.<sup>38</sup> Ou seja, uma diferença beirando aproximadamente cinco anos e meio.

As médias exemplificadas para a Alemanha eram relativamente consistentes com o chamado *padrão ocidental* de casamentos, baseado em idades tardias tanto para os homens como para as mulheres. Por outro lado, ao iniciarem seus ciclos matrimoniais em Curitiba, tanto imigrantes de origem germânica como alguns dos seus descendentes, todos pertencentes ao primeiro subgrupo em análise, aproximavam-se de um padrão, digamos, “brasileiro” de início do ciclo reprodutivo.

É muito provável que a antecipação da idade ao casar tenha refletido, pelo menos para a maioria dos imigrantes, uma mudança na articulação terra e população, ou meios de produção e demografia, fruto da migração. Parece que tal relação, no caso curitibano, estava ligada à concessão gratuita de lotes de chão (e, ou, outros subsídios) aos colonos estrangeiros na periferia da cidade, o que teria facilitado o estabelecimento, pelos jovens nubentes, de um domicílio próprio. Em todo o caso, as explicações encontram-se em aberto, pois poderíamos até nos perguntar em que medida a situação de pioneirismo, articulada às dificuldades iniciais de instalação, não teria levado os pais a incentivar um casamento precoce para os seus filhos.

No que concerne a este primeiro grupo, cujos casais uniram-se pelo casamento antes de 1895, temos a firme crença de que, sob as cifras apresentadas, revelava-se uma sociabilidade do tipo tradicional, ao menos para uma fração representativa de famílias.<sup>39</sup> Uma natalidade relativamente alta e o predomínio substantivo de famílias grandes evidenciavam atitudes camponesas dos imigrantes em relação ao casamento, à mulher e esposa, aos filhos... Para os chacareiros alemães que se instalaram

---

<sup>38</sup> STATISTIQUE ..., 1907.

<sup>39</sup> WILLEMS, por exemplo, aponta que era comum entre os imigrantes de tradição camponesa a organização domiciliar do tipo “família tronco” [1946:429]. A esse respeito, ver também SEYFERTH, 1999:295-6 e, de modo geral, ANDREAZZA & NADALIN, 1994.

em Curitiba no terceiro quartel do século XIX, uma criança era um “bem útil a ser produzido”. Pois, instaurando na periferia da capital paranaense um sistema doméstico de produção, o tamanho da prole era fundamental para a sobrevivência do colono; constituíam os filhos um investimento necessário e lucrativo, no sentido de que não pretendiam somente produzir para a própria subsistência, mas criar excedentes para o mercado urbano.

Observamos que os jovens estrangeiros que se radicaram na cidade, tendo em vista algumas origens sociais ao que tudo indica semelhantes, também poderiam ter um número relativamente elevados de filhos. Contudo, alguns indicadores mostram a possibilidade de os imigrantes citadinos terem desenvolvido uma natalidade relativamente menos pronunciada em Curitiba.<sup>40</sup> Enfim, o processo de mudanças já havia começado, porém somente na geração seguinte a diminuição da fecundidade seria realmente sensível à observação estatística.

O *enclave* no qual estavam inseridos os casais da primeira coorte pode ser avaliado pelas poucas concessões que faziam à sociedade receptora, seja evidentemente na perspectiva da endogamia – nas três primeiras décadas, os casamentos intra-étnicos eram em torno de 82 a 86% (ver quadros anexos) –, seja por uma indicação obtida de um padrão de escolha dos nomes de batismos dos seus filhos. Entre o conjunto de 435 prenomes arrolados dos ciclos matrimoniais deste subgrupo, somente 29 incluem-se entre aqueles que poderíamos considerar como desvinculados de uma herança cultural de origem germânica (Quadro 2). Era um enclave a ser convenientemente relativizado, tendo em vista as nuances observadas no interior das fronteiras étnicas. Nuanças, por exemplo, que sofrem a própria decorrência da ação do tempo na história do casal: entre os mesmos 435 nomes, aqueles 72% mudam de aspecto ao serem considerados os primeiros e últimos filhos. Da mesma forma, influenciava na escolha o fato de serem meninos ou meninas. Assim, a guarda pela tradição cultural imigrante, representada pelo uso do estoque catalogado como categoria I, na primei-

---

<sup>40</sup> Principalmente se aventarmos a possibilidade de que esses imigrantes citadinos eram muitas vezes **católicos** [RANZI, 1996: 120].

ra coorte (aliás, isso é evidente em todas as outras, como mostra os quadros 3 e 4), é sempre maior na nomeação do primogênito e na escolha de um nome para um menino. Ou seja, é no primogênito e no menino que se reforçava a identidade étnica.

Ora, é no enclave que vê um adiantamento da idade do primeiro casamento das mulheres para 21,1 anos, significando uma diferença de mais ou menos 5,5 anos em relação às práticas matrimoniais na Europa germânica. Essa mudança de comportamento combinava-se com a manutenção de uma fecundidade relativamente alta, o que provavelmente respondia aos traumas, medos e anseios da migração e, principalmente, ao choque cultural característico da fase marginal, ao se colocar pela primeira vez um contingente representativo de estrangeiros lado a lado com os nacionais. Tal comportamento demonstraria, mais uma vez, a flexibilidade dos regimes demográficos não só em relação à economia, como mostram alguns autores, mas também em relação às condições socioculturais de existência.<sup>41</sup>

Num sistema camponês herdado, no qual se inseria a maioria dos migrantes e imigrantes que se localizaram no planalto curitibano, os estímulos à nupcialidade e à maternidade afloravam. A facilidade de acesso à terra e a promessa de um mercado para a colocação dos produtos excedentes da subsistência combinavam-se com as exigências herdadas de definição de um *status* social fundado na projeção de uma família grande no seio da comunidade. Este *status* conciliava-se, outrossim, com uma tradição de masculinidade que se revelava no direito a uma esposa fértil e a muitos filhos. Na outra face da moeda, a feminilidade tradicional, camponesa, harmonizava-se com o valor expresso pela fertilidade da mulher.

De modo que, num tal ambiente “camponês”, também não é difícil entendermos a elevada frequência de *concepções pré-nupciais* entre os luteranos, no primeiro grupo de casamentos observado em Curitiba (1866-1894).<sup>42</sup> Da totalidade dos casais que permaneceram na comunidade até pelo menos o nascimento do primeiro filho, verificamos que, em cada dez noivas observadas, pelo menos duas (21,3%)

---

<sup>41</sup> A esse respeito, ver KREAGER, 1986.

não tinham direito ao véu e à grinalda quando foram levadas ao altar. Provavelmente outras tantas, senão mais, mas certamente um número até importante, perderam sua virgindade antes das núpcias; contudo, não foram flagradas por uma concepção.<sup>43</sup>

Entre essas, devemos incluir as noivas (8,5% do total) que comprovadamente viveram em união consensual durante um certo tempo com seus prometidos, *antes* do casamento. Dessas uniões resultou pelo menos o nascimento de um filho antes das núpcias – “ilegítimo” aos olhos da Igreja e da Lei. Outras tantas, não sabemos quantas, nunca se casaram. Os registros, com raras exceções, recusam-se a falar a respeito, o que simplesmente pode traduzir a pequena importância dada pela comunidade a essas ocorrências.

Queremos enfatizar, por conseguinte, uma indicação de comportamentos originais *vis-a-vis* à família, manifestados pelo grupo. É evidente que laços culturais não se rompiam com facilidade. Nesta perspectiva, constatamos a manutenção de uma prole numerosa e de comportamentos concernentes à sexualidade caracteristicamente camponeses. Talvez pudéssemos acrescentar que também a endogamia e uma economia “moral” definiam um horizonte para a maior parcela dos membros da comunidade imigrante, uma vez que faziam parte do mundo rural tradicional.

Contudo, é preciso grifar, de novo, que toda esta análise está centrada em frequências percentuais obtidas entre a comunidade dos luteranos. Numa tentativa de reconstituição do subgrupo católico, as cifras mostram-se sensivelmente diferentes: 12,8% – incluídos 3,5% dos casais que tiveram filhos antes do casamento<sup>44</sup> – representam bem menos do que a frequência total de 29,8% calculada para os evangélicos de origem germânica. Evidentemente, estas constatações diferenciadas, somadas a uma fecundidade um pouco menor para os católicos, demonstram mais uma vez

---

<sup>42</sup> Essas eram práticas correntes ainda na segunda metade do século passado, pelo menos em várias regiões da Europa germânica, da Escandinávia à Suíça [SHORTER, 1973; Sole, 1984:30].

<sup>43</sup> BIDEAU & NADALIN, 1990:140. Estima-se que as possibilidades de concepção em uma só relação sexual num casal jovem e saudável estão entre 2% e 4%; isto significa que a concepção deve ser, com probabilidade, o resultado de várias semanas, e talvez meses, de relações sexuais sem proteção [STONE, 1989:311].

<sup>44</sup> RANZI, 1996: 103.

nossa hipótese inicial, relacionada à complexidade das atitudes e dos comportamentos desses imigrantes do primeiro período e que estavam em contato com os curitibanos nos primórdios da imigração.

\*\*\*

Essas práticas iniciais – concernente a comportamentos herdados – dizem respeito a uma fração provavelmente importante entre os primeiros imigrantes. Localizados nos arredores de Curitiba e vivendo como colonos num modo de vida tipicamente rural, suas experiências praticamente foram perdidas pela memória curitibana. Assim, a história do imigrante alemão em Curitiba foi marcada pelo senso comum: ele sempre foi visto como um elemento urbano que se imiscuiu desde os primórdios da “grande imigração” nas atividades comerciais e industriais da cidade – o que, como vimos, tinha sua dose de verdade – exercendo profissões liberais diversas etc.

De fato, nessas lembranças, o que marcou foi a particularidade do perfil do imigrante que, na permanência do fluxo migratório, continuava a chegar no Brasil. A partir principalmente dos anos de 1880, foram substantivas as transformações pelas quais passava a Alemanha, agora unificada. A capital do Paraná, por seu lado, continuava a se desenvolver, e a atrair estrangeiros e descendentes. Muitos eram oriundos das antigas colônias de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, num processo de migrações internas que, sabemos, acompanha o desenvolvimento capitalista.

Sem contar seu crescimento, o conteúdo do desenvolvimento urbano de Curitiba relativamente transformava-se com a mudança gradativa dos filhos dos colonos, que deixavam suas lavras, seja em definitivo, atraídos pelas luzes da cidade, seja complementando a renda com salários, empregando-se como criados domésticos e operários.

Todavia, não cabe dúvidas de que, à parte os contrastes e os estrangeiros que não deram certo, uma parcela proporcionalmente importante dos imigrantes germâ-

nicos e seus descendentes, nascidos ou não em Curitiba, passou a integrar a classe média que crescia e se fortalecia com o seu crescimento.

Assim, além de dominarem o comércio de secos e molhados (incluído o do pão), observadores também anotavam, na passagem para o século XX, que esses alemães e seus descendentes prevaleciam na capital paranaense, freqüentemente de forma absoluta, em vários tipos de atividades comerciais e industriais. Em outros setores, seja como proprietários ou imiscuindo-se nas tradicionais atividades relacionadas ao engenho e exportação do mate, seja no setor de serviços, artesanato e como mão-de-obra operária, sentia-se sempre a presença “imigrante”, salientando-se aquela de origem germânica.

É evidente que essa nova posição do estrangeiro e seus descendentes o obriga a reavaliar sua identidade, principalmente se for considerado o novo quadro político-ideológico que se pintava na passagem do século. O período que se refere mais ou menos ao início dos ciclos matrimoniais da segunda coorte recortada nessa pesquisa (1895-1919) ficou marcado na história brasileira pelas tensões e conflitos étnicos, característicos em regiões urbanas que acolhiam imigrantes alemães, como Curitiba. De fato, durante o Império as regras do jogo eram muito claras aos imigrantes, sobretudo os luteranos: dificuldades de culto – e, mesmo, de sepultamento em cemitérios “públicos”, terra consagrada – , tendo em vista a associação entre a Igreja Católica e o Estado antes da proclamação da República em 1889, dificuldades praticamente intransponíveis para a obtenção da cidadania que assinalavam a relativa marginalidade em que viviam, mesmos nos centros urbanos. Nos anos que assinalam a passagem do século e primeiras décadas do XX, a prática republicana ensejou uma situação aparentemente paradoxal, favorecendo os processos de naturalização aos imigrantes. Por outro lado, o desenvolvimento de uma imprensa teuto-brasileira ajudou na veiculação e nos desdobramentos relacionados a um discurso étnico articulado à noção do *Deutschtum*. Esta idéia de “germanidade” agregava-se, num plano

**Quadro 2 - Escolha dos Primeiros-Nomes de Batismo,  
segundo categorias – séculos XIX-XX**

COORTES	Categorias			
	I August, Erwin, Gottlieb, Johann, Otto, Theodor, Wilhelm e outros. Adelheid, Bertha, Katharine, Ernestine, Frieda, Hedwig, Ida, Johanne, Louise, Mathilde, Rose, Sophie, Wilhelmine e outros.	II Carlos, Francisco, Jorge, <i>Günther</i> , Henrique, João, <i>Manfred</i> , Lotário, <i>Rolf</i> , <i>Siegfried</i> , Waldemar e outros. Adelaide, Berta, <i>Karin</i> , Dagmar, <i>Edeltraut</i> , Frida, <i>Guiomar</i> , <i>Hedy</i> , Ilsa, Julia, <i>Margit</i> , Rosalina, Teresa, Ursula, <i>Wanda</i> e outros.	III Augusto, Alberto, Antonio, Amaldo, Eduardo, Fernando, Gustavo, Heraldo, Júlio, Ricardo, Roberto, Ronaldo e outros. Inês, Ana, Alberta, Amélia, Carina, Cristina, Isabel, Ilda, Judite, Lúcia, Margarete, Paula, Renata e outros.	<u>Total</u>
1866-1894	<b>313</b> <i>72,0%</i>	<b>93</b> <i>21,4%</i>	<b>29</b> <i>6,7%</i>	<b>435</b> <i>100,0%</i>
1895-1919	<b>229</b> <i>43,9%</i>	<b>154</b> <i>29,5%</i>	<b>139</b> <i>26,6%</i>	<b>522</b> <i>100,0%</i>
1920-1939	<b>93</b> <i>15,3%</i>	<b>188</b> <i>31,0</i>	<b>325</b> <i>53,6%</i>	<b>606</b> <i>100,0%</i>
1940-1964	<b>51</b> <i>6,6%</i>	<b>157</b> <i>20,3%</i>	<b>566</b> <i>73,1%</i>	<b>774</b> <i>100,0%</i>
<b>Total todas as coortes 1866-1964</b>	<b>686</b> <i>29,4%</i>	<b>592</b> <i>25,3%</i>	<b>1059</b> <i>45,3%</i>	<b>2337</b> <i>100,0%</i>

Fonte: Arquivo da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – CELC-UP  
Fichas de Família MF

maior, à ideologia do pan-germanismo que coloria o imperialismo exercido pelo *Reich* alguns anos após a unificação.

Esse clima de conflito ficou agudizado após 1914, em especial após a declaração de Guerra à Alemanha pelo Brasil em 1917. No cenário, opunha-se um discurso nacionalista e assimilacionista brasileiro e, inversamente, outro que endossava a propaganda da *Aldeutsche Verband* (Liga Pan-Germânica), defendendo *a união de*

*todos os alemães espalhados pelo mundo em nome da vinculação racial e nacional.*<sup>45</sup>

Se é verdade que a nomeação dos filhos expressa esse fenômeno, os números do quadro 2 falam por si: os casais cuja vida matrimonial iniciou-se entre 1895 e 1919 diminuíram em 61% a escolha de prenomes de batismo trazidos por seus pais (categoria I), aumentando um pouco o uso do estoque “teuto-brasileiro” (rotulado como categoria II) e, principalmente, aumentando de maneira significativa, de 6,7% para 26,6%, ou seja, em quatro vezes, o uso de nomes influenciados pela moda e, digamos, “universais” (categoria III). Como, de uma certa forma, a experiência dessa coorte é nova, em relação aos pioneiros que os antecederam, é também representativa a diferença de 18% assinalada entre o primogênito e o ultimogênito (quadro 3), principalmente se for levado em conta a diminuição da fecundidade do subgrupo pioneiro para o primeiro grupo de casais que denominamos de “teuto-brasileiros”: o distanciamento entre o primeiro e o último filho, nessa coorte, era bem menor do que na primeira.

Em verdade, independente ou não dos fenômenos conjunturais, a sociedade paranaense mudava suas estruturas – em função também do próprio fenômeno imigratório. Abriam-se, em conseqüência, novos espaços no comércio e na indústria, ocupados de maneira bastante pronunciada pelos estrangeiros e seus descendentes.

Esses “alemães” costumavam praticar o canto, a ginástica, o tiro. Participavam de clubes de artesãos, ciclismo, excursões, leitura e teatro. Associavam-se para fazer caridade e constituíram a primeira instituição de bombeiros, voluntários, em Curitiba. Portanto, seus nomes podem ser encontrados na documentação relativa às dezenas de associações com finalidades diversas fundadas nos séculos XIX e

### **Quadro 3 - Escolha dos Primeiros-Nomes de Batismo [primogênitos e ultimogênitos],**

---

<sup>45</sup> SEYFERT, 1999:300. *A principal vertente do nacionalismo brasileiro daquele momento falava em caldeamento racial como base para o branqueamento fenotípico da população (...) O processo de branqueamento foi pensado como forma de consolidar, no futuro, uma nação brasileira, de civilização latina e língua portuguesa, o que supõe uma perspectiva assimilacionista para a imigração, incluindo o “caldeamento de raças” [ibid, 303].*

segundo categorias – séculos XIX-XX

Coortes	Ordem do nascimento	Categorias			
		I	II	III	Total
I 1866-1894	Primogênito	175 77,8%	42 18,7%	8 3,5%	225 100,0%
	<i>diferença</i>	12,1%	- 5,6%	- 6,5%	
	Ultimogênito	138 65,7%	51 24,3%	21 10,0%	210 100,0%
II 1895-1919	Primogênito	144 52,5%	81 29,6%	49 17,9%	274 100,0%
	<i>diferença</i>	18,0%	0,3%	- 18,3%	
	Ultimogênito	85 34,5%	73 29,3%	90 36,2%	248 100,0%
III 1920-1939	Primogênito	61 18,0%	101 29,8%	177 52,2%	339 100,0%
	<i>diferença</i>	6,0%	- 2,8%	- 3,2%	
	Ultimogênito	32 12,0%	87 32,6%	148 55,4%	267 100,0%
IV 1940-1964	Primogênito	38 9,0%	92 21,9%	291 69,1%	421 100,0%
	<i>diferença</i>	5,3%	3,5%	- 8,8%	
	Ultimogênito	13 3,7%	65 18,4%	275 77,9%	353 100,0%

Fonte: Arquivo da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – CELC-UP  
Fichas de Família MF

XX.<sup>46</sup> Em geral bastante religiosos, congregavam-se em diversas paróquias e, na sua maioria, numa paróquia luterana.<sup>47</sup>

**Quadro 4 - Escolha dos Primeiros-Nomes de Batismo [primogênitos e ultimogênitos], segundo categorias e sexo – séculos XIX-XX**

Coortes	Meninos			Meninas		
	Categoria I	Categoria II	Categoria III	Categoria I	Categoria II	Categoria III
I Primogênito	97 66,4%	31 21,2%	18 12,3%	63 64,9%	28 28,9%	6 6,2%
I Ultimogênito	63 64,9%	28 28,9%	6 6,2%	60 56,1%	33 30,8%	14 13,1%
II Primogênito	97 66,4%	31 21,2%	18 12,3%	47 32,8%	50 39,1%	31 24,2%
II Ultimogênito	69 55,2%	24 19,2%	32 25,6%	16 13,0%	49 39,8%	58 47,2%
III Primogênito	37 21,4%	51 29,5%	85 49,1%	24 14,5%	50 30,1%	92 55,4%
III Ultimogênito	21 16,5%	48 37,8%	58 45,7%	11 7,9%	39 27,8%	90 66,4%
IV Primogênito	26 12,1%	55 25,6%	134 62,3%	12 5,8%	37 18,0%	157 76,2%
IV Ultimogênito	21 16,5%	48 37,8%	58 45,7%	7 4,0%	27 12,6%	140 80,4%

Fonte: Arquivo da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – CELC-UP  
Fichas de Família MF

Esse importante pormenor permitiu que os imigrantes alemães e seus filhos, bem como as uniões matrimoniais interétnicas que desenvolveram durante a história que aqui está sendo narrada, fossem recuperados nos livros paroquiais. Já mencionamos, com esses fundamentos, as características dos pioneiros.

De modo que as famílias luteranas passaram do subgrupo cujas histórias matrimoniais iniciaram-se entre 1866 e 1894 para a *coorte* seguinte (1895-1919), de 6 a 7 filhos em média, para uma descendência de 4 a 5 filhos por casal. Finalizando, para o último conjunto de casais, constituídos entre 1920 e 1939, foi observado um

<sup>46</sup> “Em menos de setenta anos (de 1856 a 1926) cerca de meia centena de entidades alemãs foram criadas pela comunidade”, muitas delas incorporando nos seus estatutos dispositivos de ajuda aos associados [NADALIN, 1972:4].

número médio em torno de 2 a 3 filhos nascidos vivos, o que permite supor uma queda significativa da fecundidade, principalmente no período entre-guerras.<sup>48</sup>

Em outros termos, após 1894 a ruptura com o padrão apresentado na primeira coorte é evidente. Estas diferenças traduzem-se na redução dos níveis das curvas e, o que é talvez mais significativo, na concavidade delineada pelos seus traços. Na segunda coorte, observa-se com uma certa clareza que, uma vez atingida a descendência desejada pelos casais observados, estes começaram a utilizar o que os demógrafos chamariam de freios contraceptivos. No último grupo de casais da comunidade étnica as evidências parecem indicar comportamentos de controle da prole desde o início do casamento, o que explicaria a tendência a uma descendência mais débil.

A utilização de métodos contraceptivos revela-se, outrossim, pela diminuição da idade média em que as mulheres tiveram seus últimos filhos. Aqui também visualiza-se a ruptura: de 38,6 anos na primeira coorte para 34,6 anos na segunda.<sup>49</sup>

Porém, a utilização da contracepção, pelas análises já realizadas,<sup>50</sup> não explica satisfatoriamente as mudanças nos comportamentos antes do casamento, entre os membros do grupo. De uma geração a outra, as freqüências de concepções pré-matrimoniais diminuíram significativamente, dos 29,8% antes assinalados, para 18% (de 1895 a 1919) e 14,7% (entre 1920 e 1939). De fato, mesmo que em parte essas transformações possam ser tributadas a algumas precauções nas relações entre os namorados e noivos, estamos convencidos de que a maioria delas deve-se às transformações morais oriundas das mudanças qualitativas no grupo. Esta análise está relacionada à continuidade da imigração e, no principal, ao processo de urbanização

---

<sup>47</sup> NADALIN, 1984.

<sup>48</sup> Devemos fazer aqui uma observação: a descendência anotada para a terceira coorte constitui, ainda, uma nota preliminar, uma vez que os estudos realizados fundamentam-se numa reconstituição de famílias que se encerrou, artificialmente, em 31 de dezembro de 1939..

<sup>49</sup> Tendo em vista o corte em 31 de dezembro de 1939, a grande maioria das mulheres da coorte iniciada em 1920-1939 não pôde ser acompanhada até pelo menos aos 45 anos de idade, o que explica o fato de não ter sido calculada a idade média da última maternidade para estas mães. Esse problema deverá ser sanado, quando for possível analisar os dados resultantes da complementação da reconstituição de família para além daquela data, o que se fará em breve.

<sup>50</sup> BIDEAU & NADALIN, 1988.

e de constituição de uma mentalidade burguesa originada da formação de uma classe média relativamente importante no interior do grupo étnico.

É interessante ainda anotar, pelo seu significado, que na realidade todas estas transformações fazem parte de uma tríplice revolução comportamental na história das famílias do grupo teuto-brasileiro. Ou seja, o aumento da castidade pré-matrimonial foi acompanhado por mudanças que, num determinado contexto, poderiam caracterizar-se como *malthusianas*, pois traduziam-se no adiamento da idade ao casar – 21,1 anos para as mulheres da primeira coorte, para 21,9 e 23,9, respectivamente, nas coortes seguintes, somando quase três anos de 1866 a 1939 –, e *neo-malthusianos*, manifestando o emprego de métodos contraceptivos.<sup>51</sup> De modo que o decréscimo da fecundidade revela-se também pelo encurtamento das histórias maternais: na primeira coorte as mulheres atingiam sua descendência final ao cabo de 17,5 anos, em termos médios; nas coortes seguintes estes ciclos diminuíram substancialmente, para 12,7 e 11,5 anos.<sup>52</sup>

Com isso, começamos a concluir. As evidências que temos enfatizam uma história que, do ponto de vista cultural, salienta para o período 1866-1940 um processo de construção de fronteiras étnicas, adaptada às circunstâncias determinadas pelas diversas conjunturas na qual o grupo se insere no período. E, posteriormente, uma eliminação dessas barreiras.

### **Conclusão: a respeito dos limites de um método**

Ao agregarmos, para análises futuras, mais uma coorte de casais e filhos às três já reconstituídas – suas histórias matrimoniais iniciaram-se entre 1940 e 1964 –, e ao completarmos o ciclo da coorte III para além de 1939, estamos dando por encerrado

---

<sup>51</sup> Cf. MACFARLANE, 1990:45.

<sup>52</sup> A média para esse último período foi estimada, supondo-se, simplesmente, que a última maternidade manteve-se no mesmo patamar do segundo para o terceiro grupo, o que não deve ser o caso.

os procedimentos FLEURY-HENRY para os registros paroquiais da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba.

A experiência com o manuseio das informações para o preenchimento das fichas de família, aliado à simples observação dos números dos quadros 1 a 3, antes referidos, propicia a nítida impressão de que as transformações ocorridas em função dos traumas da conjuntura 1930-1945 impuseram mudanças que vão além do que os períodos demarcados transversalmente na história do grupo permitem supor. Tais observações, inclusive, ajudam-nos a repensar os paradigmas que têm norteado os horizontes dessa investigação.

Muito embora já fossem conhecidas as profundas transformações que pareciam estar se desenvolvendo tanto no grupo, na perspectiva da etnicidade, como na instância maior de caráter institucional a partir do final da década de 1940 – referimo-nos à organização da Igreja Evangélica Luterana do Brasil –, todo o projeto fundamentava-se na idéia de que as famílias que constituíam a paróquia, na contemporaneidade, ajustavam-se mais ou menos às famílias que as precederam; pelo menos genealogicamente.

A nossa *impressão* – e não estamos tratando aqui mais do que isso –, fundada na experiência com a reconstituição, é de que as genealogias da maior parte das famílias que constituíam o grupo até 1939 se perdem gradativamente como informação ao pesquisador, e não só porque uma fração dos descendentes migraram. Até certo ponto, isso ficou confirmado pela análise do quadro 1, concernente à linhagem STROBEL, cujas cifras foram recuperadas com os dados secretados pelo SYGAP. Um estudo adequado dos sobrenomes mais recorrentes do período anterior a 1940-1945 deverá certamente indicar que parcela substantiva do grupo origina-se, a partir da década de 1950, de um processo de migrações internas que se incrementa, substituindo as antigas linhagens que, pela continuidade dos processos de casamento, deixaram o luteranismo, ou simplesmente abandonaram a Igreja. Muitos dos descendentes dos antigos membros ainda persistem durante um tempo, pelo menos até se completar o ciclo fecundo: a data do batismo do último filho assinala o abandono da

Igreja. Outros, eventualmente, voltam para morrer. Evidentemente, estamos trabalhando no limite da metodologia de reconstituição de família.<sup>53</sup>

As evidências apontam, pois, para a hipótese indicada de que os casais da última coorte são *diferentes*, principalmente porque não descendem, na sua grande maioria, das linhagens estabelecidas pelos primeiros casais da paróquia. Este corte, sem dúvida, caracteriza a parcial “secularização” do grupo que fez a história da paróquia até os anos 30, e os problemas “pastorais” da Igreja inscrevem-se, bem vistas as coisas, numa característica que é própria das sociedades contemporâneas. Nesse novo contexto, a Igreja Luterana no Brasil institucionaliza-se, cada vez mais, tentando romper com sua tradição “imigrante”.

Para encurtar, diríamos que a homogeneidade visualizada nas linhagens familiares, apesar das mudanças que se aventava a partir da conjuntura de 1930 a 1945, foi esquematizada numa perspectiva um tanto reducionista, adotada explícita e implicitamente nas nossas análises.

Por várias razões. Em primeiro lugar, o processo da “emigração” estaria ligado indissolavelmente a uma história demográfica e econômica que tem como fundamento teórico as mudanças ocorridas em função do desenvolvimento do capitalismo e da transição demográfica européia. É, portanto, tentador explicar a emigração “germânica” em função do conjunto de mudanças culturais que estavam ocorrendo, no século XIX, nas diversas regiões habitadas por sociedades que se expressavam em idioma alemão ou nas suas formas dialetais. Insistir nessa perspectiva é desconsiderar a importância da manutenção do fluxo migratório, que deve interferir no processo da construção étnica do grupo até o final da década de 1930, quando se encerra o que tem se denominado, na história do Brasil, como a “Grande Imigração”.

---

<sup>53</sup> A existência de um Cemitério Protestante em Curitiba, mantido pela Igreja Evangélica Luterana, contribui para este fato. É preciso também observar que não conseguimos encerrar a união de muitos casais simplesmente em função da contemporaneidade da observação: se não são praticantes, e se ambos os cônjuges sobreviveram ao fim do arrolamento, realizado no início do ano 2000, eles se perdem para a pesquisa.

Em segundo lugar, a teoria da transição demográfica foi transposta para os países novos e, nesse sentido, o modelo interpretativo, na sua teleologia, adequava-se bem a uma história demográfica brasileira. Nessa perspectiva, considera-se, mais ou menos abstratamente, que as pré-condições para uma transição demográfica brasileira foram dadas a partir das transformações estruturais e institucionais que se desenvolveram a partir dos anos 1850-1870, culminando na década de 1930. Em outros termos, essas novas condições divergiam da situação “colonial” anterior. Os dados parecem confirmar essa interpretação, pois a mortalidade começava a cair levemente a partir do início do século XIX, tendência confirmada pela diminuição abrupta dos anos 1940. A transição se completava, com a queda brutal da fecundidade que tivera início nos anos 60.

Nesse quadro “modernizante” insere-se a imigração européia, propiciando elementos de inovação e um desenvolvimento substantivo da população, como mostrou Giorgio MORTARA, em especial para o sul do Brasil.<sup>54</sup> No que se refere especificamente aos estudos que aqui estão sendo relatados, o quadro teórico fundamentava-se, como foi mencionado, na idéia da inserção de um grupo imigrante numa sociedade que se urbanizava – e que, portanto, se desenvolvia – criando-se pré-requisitos para a diminuição da fecundidade e às mudanças comportamentais relacionadas à reprodução. tanto na visualização do grupo em particular como no horizonte da própria sociedade curitibana e brasileira.

Tentar romper com essa linearidade significa pensar, no lugar da definição apriorística requerida pelo conceito de transição demográfica, a população como componente de recrutamento da estrutura social e, de modo igual, como variável demográfica nas instituições locais. Ou seja, “pensar” um regime demográfico significa construir modelos tentando verificar de que modo *as pessoas organizam seus elementos e relações vitais em proveito próprio*. No caso em questão, significa es-

---

<sup>54</sup> 1947.

*clarecer a natureza do regime [demográfico] do qual o comportamento divergiu, e certificarmos que realmente está havendo uma divergência.*<sup>55</sup>

Sabemos que os valores culturais trazidos na bagagem do imigrante de origem germânica eram, no mínimo, bastante heterogêneos, mesclando heranças regionais sintetizadas no patrimônio camponês moldado mais, ou menos, a valores “pequeno-burgueses”;<sup>56</sup> ou seja, culturas rurais combinadas a agrupamentos que se urbanizavam de maneira e em níveis diferentes, e em várias regiões tão díspares como a Suíça Alemã, as localidades situadas nas fronteiras orientais da Saxônia, da Prússia e outras, no norte Pomerano, no Schleswig-Holstein, bem como nas partes mais ocidentais da Alemanha, banhadas pelo Reno.<sup>57</sup> Foi assim que, ao não considerar essa complexidade em toda a sua magnitude, uma comparação realizada com os imigrantes alemães e descendentes em Valparaíso, no Chile, resultou em conclusões, digamos, “desenvolvimentistas”. Apesar da originalidade de cada um dos comportamentos comparados, a ênfase é que o sentido das duas histórias é a mesma.<sup>58</sup>

Essas considerações nos levam ao que se havia anunciado no início desta comunicação. Evidentemente, não se trata de desmontar o que já foi feito, mesmo porque não é possível escapar ao fato de que o quadro da urbanização constitui uma realidade. Deve-se, isso sim, complexificar as análises, definir melhor cada coorte de casais como unidades culturais relativamente distintas para contrapor à unicidade utilizada até agora. Tal caminho passa não só pelo aporte de novos métodos, mas, principalmente, pelo de novas fontes; ou, de forma sucedânea, tentando fazer os re-

---

<sup>55</sup> KREAGER, 1986:133.

<sup>56</sup> Indicações de exercício de monopólio permitiriam a interpretação de que, de fato, os imigrantes, transplantados ao novo mundo como parte de um projeto de modernidade, traziam consigo práticas medievais fundadas nas corporações de ofícios [PEREIRA, 1996:42]. Práticas, entretanto, renovadas no processo de afirmação social que se desenvolveu após 1848, fundado nos vínculos entre o cotidiano, fé e trabalho, vida interior e atividades profissionais, arte e técnica [B. de MAGALHÃES, 1995:14], e que deve ter se transplantado igualmente com a imigração. Assim é que no envoltório de antigas e novas experiências parte dos imigrantes igualmente trouxera consigo velhos costumes relacionados ao casamento, ao amor e à procriação [ver também NADALIN, 2000:8]

<sup>57</sup> Não me refiro aqui à Áustria alemã, aos suábios, bávaros e nem aos alsacianos franceses, uma vez que foram pouco anotados nas estatísticas recolhidas a partir dos registros paroquiais da Igreja Luterana em Curitiba.

<sup>58</sup> NADALIN, 2001:128.

gistros paroquiais informarem mais do que permitiram as cifras obtidas da reconstituição de família. Interrogando-os convenientemente.

Se, como é evidente, o ensaio aqui pretendido não apresentou resultados contraditórios as análises já realizadas anteriormente, espera-se, com esta comunicação, ter mostrado o caminho que pode ser bastante profícuo, melhorada a metodologia como convém.

### Referências bibliográficas

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998. Pp. 187-250

BIDEAU, Alain *et al.* **Système de gestion et d'analyse de population**. Villeurbanne: Programme Pluriannuel en Sciences Humaines Rhone-Alpes/CNRS, 1991.

\_\_\_\_\_ & NADALIN, Sergio Odilon. *Étude de la fécondité d'une communauté évangélique luthérienne à Curitiba (Brésil) de 1866 à 1939*. **Population**, Paris, INED, **43**(6):1035-64. 1988.

\_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_. *Histoires de vie et analyse démographique de la fécondité: approches complémentaires pour une histoire du comportement social. L'exemple de la Communauté Évangélique Luthérienne de Curitiba; 1866-1939*. **Annales de Démographie Historique**, Paris, 1991, pp. 157-71.

\_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_. *Familles stables et familles mobiles. Une nouvelle approche de la fécondité différentielle. L'exemple de la Communauté Évangélique Luthérienne de Curitiba entre 1866 et 1939*. **ACTAS, Congresso "El Poblamiento de las Americas"**. [México], IUSSP, 1992<sup>v.2</sup>, pp.163-75.

\_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_. *Processos demográficos e fecundidade: notas preliminares para um estudo comparado (1866-1939)*. **Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. São Paulo, 1992<sup>b</sup>. v.1, p.265-72.

\_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_. *Sexualité et contacts culturels: les immigrants allemands et leurs descendants au Paraná – Brésil; 1866-1939*. **Acta Demographica**, Physica-Verlag, Heidelberg, 1993, pp. 109-124.

\_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_. *Um ensaio sobre o tema da fecundidade diferencial: famílias estáveis e famílias (i)migrantes*. **Revista Brasileira de Estudos de População**, **12**(1/2):169-80, jan/dez. 1995.

CASTRO, Rômulo de. **Pequeno dicionário de nomes de pessoas** [3<sup>a</sup> ed.]. Rio de Janeiro: NESTLE, 1951.

FINE, Agnès. *L'héritage du nom de baptême*. **Annales ESC**, (4):853-877, juillet-août, 1987.

50 JAHRE Handwerker-Unterstützungs-Verein. Gedenk-und-Festschrift am 19.Juli; 1884-1934. Curityba:[HUV], 1934.

GÉLIS, Jacques. **L'arbre et le fruit**. La naissance dans l'Occident moderne; XVI<sup>e</sup>-XIX<sup>e</sup> siècle. [Paris:] Fayard, 1984.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes**. São Paulo: Ave Maria, 1981.

KREAGER, Philip. *Demographic regimes as cultural systems*. In: COLEMAN, D. & SCHOFIELD, R. (eds.). **The state of population Theory**. New York: Basil Blackwell Ltd., 1986.

MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor: Inglaterra, 1300-1840**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

MACHADO, Cacilda da Silva. **De uma família imigrante: sociabilidades e laços de parentesco**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

MOREIRA, Cláudia Regina Baukat Silveira. **Paróquia Sul de Curitiba; sua gente, sua identidade**. Descendentes de alemães, luteranos e migrantes. Curitiba: UFPR/Dissertação de Mestrado, 2000.

MORTARA, Giorgio. Os fatores demográficos do crescimento das populações americanas nos últimos cem anos. **Estudos Brasileiros de Demografia**; pesquisas sobre populações americanas. 1[1]:9-27, julho 1947.

NADALIN, Sergio Odilon. **Clube Concórdia**. Curitiba: Clube Concórdia, 1972.

\_\_\_\_\_. **A origem dos noivos nos registros de casamento da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba; 1870-1969**. Curitiba, 1974. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

\_\_\_\_\_. **Une paroisse germanique au Brésil; la Communauté Évangélique Luthérienne à Curitiba entre 1866 et 1969**. Paris: EHESS / Thèse, Doctorat 3<sup>e</sup> Cycle, 1978.

\_\_\_\_\_. Comportamentos demográficos numa paróquia de origem germânica em Curitiba – séculos XIX e XX. In: CELTON, D., MIRÓ, C. & ALBORNOZ, N.S. **Cambios demograficos en America Latina: la experiencia de cinco siglos**. Cordoba: Universidad Nacional de Cordoba/International Union for the Scientific Study of Population, 1998.

\_\_\_\_\_. **Imigrantes de origem germânica no Brasil**. Ciclos matrimoniais e etnicidade. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

NIEMEYER, Ernst. **50 Jahre Verein Deutscher Sängerbund Curityba; 1884-1934**. Curitiba: [VDS/] João Haupt, 1934.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **Semeando iras rumo ao progresso** (Ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense, 1829-1889). Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

RANZI, Serlei Maria Fischer. **Alemães católicos, um estudo comparativo de famílias em Curitiba (1850-1919)**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná / Tese de Doutorado, 1996.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito*. In: FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América**. São Paulo: Editora da USP, 1999.

SHORTER, Edward. *Female emancipation. Birth Control and Ferlility*. **The American Historical Review**, **78**(3):605-640, june 1973.

SOLÉ, Jacques. **L'amour en occident a l'époque moderne**. Bruxelas: Edition Complexe, 1984.

STROBEL, Gustav H. **Relatos de um pioneiro da imigração alemã**. Curitiba: Inst. Hist. Geogr. Etnogr. Paranaense, 1987 [Estante Paranista, n<sup>o</sup>27].

WILLEMS, Emilio. **Assimilação e populações marginais no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1940.

\_\_\_\_\_. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1946.

\*\*\*

[Curitiba, ago 2001]

Anexos

**Quadro 5 – A história demográfica dos imigrantes de origem germânica e seus descendentes em Curitiba: 1866-1939.**

Idade ao casar	Fichas de família MF	Idade observada da mulher – taxas de fecundidade por mil							D.T. <sup>1</sup>	Idade u.p. <sup>2</sup>	Idade Média no casam.	F.C.P. s.s. <sup>3</sup>		F.C.P. l.s. <sup>4</sup>	
		15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49				MO-MF %	MO-MF %		
<i>Mulheres casadas de 1866 a 1894 [Coorte I]</i>															
15-19	82	427	448	392	301	236	137	14	8,452	38,6	*	21,1	*		
20-24	73	-	546	415	344	231	83	14	7,195	38,7	*	26,7	*		
25-29	17	-	-	393	355	235	133	-	4,850	38,6	*	13,3	*		
30 e +	10	-	-	-	571	353	237	48	*	*	*	*	*		
Total	182	427	484	403	328	237	119	15	(9,0)	*	21,1	21,3	29,8		
<i>Mulheres casadas de 1895 a 1919 [Coorte II]</i>															
15-19	87	482	377	223	125	66	29	11	4,969	32,7	*	18,4	*		
20-24	125	-	445	339	192	118	48	3	4,844	33,7	*	8,9	*		
25-29	30	-	-	320	355	163	91	9	3,890	37,4	*	0	*		
30 e +	10	-	-	-	375	289	52	50	*	*	*	*	*		
Total	252	482	409	296	196	115	48	9	(6,6)	*	21,9	11,8	18,0		
<i>Mulheres casadas de 1920 a 1939 [Coorte III] <sup>5</sup></i>															
15-19	59	341	299	177	53	45	-	-	(3,344)	*	*	11,9	*		
20-24	103	-	313	211	97	7	5	-	(2,548)	*	*	6,5	*		
25-29	45	-	-	240	192	78	0	0	2,008	*	*	(8,6) <sup>6</sup>	*		
30 e +	26	-	-	-	265	170	76	0	*	*	*	*	*		
Total	233	341	306	207	128	94	48	0	(4,8)	*	23,1	8,0	14,7		

Fontes: Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – Fichas de Reconstituição Familiar. BIDEAU & NADALIN, 1988:1045-46; 1049. NADALIN, 1997/1998: 213; 218.

Observ. \* Não calculado.

<sup>1</sup> D.T. – Descendência Total.

<sup>2</sup> Idade u.p. – Idade média da última parturição.

<sup>3</sup> F.C.P. s.s. – Frequência de Concepções Pré-nupciais *stricto sensu* (números relativos obtidos a partir dos intervalos 0-7 (meses) entre o casamento e o primeiro nascimento).

<sup>4</sup> F.C.P. l.s. – Frequência de Concepções Pré-nupciais *lato sensu* (números relativos obtidos incluindo-se os nascimentos ocorridos antes do casamento).

<sup>5</sup> Os casais cujo início de observação situa-se entre 1920 e 1939 tiveram seus ciclos matrimoniais observados até 31 de dezembro de 1939, o que impossibilitou os cálculos da descendência total para as mulheres casadas de 15 a 24 anos. Da mesma forma, impossibilitou o cálculo da última maternidade.

<sup>6</sup> (#) Números pequenos.

Quadro 6 – Escolha dos Primeiros-Nomes de Batismo [primogênitos e ultimogênitos], segundo categorias e sexo – séculos XIX-XX

A. COORTE I

Coortes	Ordem do nascimento	Sexo	Categorias				
			I	II	III	Total	
1866-1894	Primogênito	Masculino	112 87,5%	14 10,9%	2 1,6%	128 100%	
		<i>diferença</i>	22,6%	- 18,0%	- 4,6%		
		Feminino	63 64,9%	28 28,9%	6 6,2%	97 100%	
		• Subtotal	175 77,8%	42 18,7%	8 3,5%	225 100%	
	Ultimogênito	Masculino	78 75,7%	18 17,5%	7 6,8%	103 100%	
		<i>diferença</i>	19,6%	- 13,3%	- 6,3%		
		Feminino	60 56,1%	33 30,8%	14 13,1%	107 100%	
		• Subtotal	138 65,7%	51 24,3%	21 10,0%	210 100%	
	Total coorte I			313 72,0%	93 21,4%	29 6,7%	435 100%

B. COORTE II

1895-1919	Primogênito	Masculino	97 66,4%	31 21,2%	18 12,3%	146 100%
		<i>diferença</i>	33,6%	- 17,9%	- 11,9%	
		Feminino	47 32,8%	50 39,1%	31 24,2%	128 100%
		• Subtotal	144 52,5%	81 29,6%	49 17,9%	274 100%
	Ultimogênito	Masculino	69 55,2%	24 19,2%	32 25,6%	125 100%
		<i>diferença</i>	42,2%	- 20,6%	- 21,6%	
		Feminino	16 13,0%	49 39,8%	58 47,2%	123 100%
		• Subtotal	85 34,5%	73 29,3%	90 36,2%	248 100%

Total coorte II	229 43,9%	154 29,55%	139 26,6%	522 100%
-----------------	-----------	------------	-----------	----------

[cont.]

### C. COORTE III

Coortes	Ordem do nascimento	Sexo	Categorias				
			I	II	III	Total	
1920-1939	Primogênito	Masculino	37 21,4%	51 29,5%	85 49,1%	173 100%	
		<i>diferença</i>	6,9%	-0,6%	-6,3%		
		Feminino	24 14,5%	50 30,1%	92 55,4%	166 100%	
		• Subtotal	61 18,0%	101 29,8%	177 52,2%	339 100%	
	Ultimogênito	Masculino	21 16,5%	48 37,8%	58 45,7%	127 100%	
		<i>diferença</i>	8,6%	10,0%	-20,7%		
		Feminino	11 7,9%	39 27,8%	90 66,4%	140 52,4%	
		• Subtotal	32 12,0%	87 32,6%	148 55,4%	267 100%	
	<b>Total coorte III</b>			93 15,3%	188 31,0%	325 53,6%	606 100%

### D. COORTE IV

1940-1964	Primogênito	Masculino	26 12,1%	55 25,6%	134 62,3%	215 100%	
		<i>diferença</i>	6,3%	7,6%	-13,9%		
		Feminino	12 5,8%	37 18,0%	157 76,2%	206 100%	
		• Subtotal	38 9,0%	92 21,9%	291 69,1%	421 100%	
	Ultimogênito	Masculino	6 3,4%	38 21,2%	135 75,4%	179 100%	
		<i>diferença</i>	-0,6%	8,6%	-5,0%		
		Feminino	7 4,0%	27 12,6%	140 80,4%	174 100,0%	
		• Subtotal	13 3,7%	65 18,4%	275 77,9%	353 100%	
	<b>Total coorte IV</b>			51 6,6%	157 20,3%	566 73,1%	774 100%

Quadro 7 – Casamentos intra e inter-étnicos  
1870-1969

Anos	Casamentos intra-étnicos		Casamentos inter-étnicos						Casamentos entre indivíduos de origens étnicas diferentes	
			Homem pertencente ao grupo e ...		Mulher pertencente ao grupo e ...		Total			
	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%
1870-1879	104	83,2	2	1,6	6	4,8	8	6,4	13	10,4
1880-1889	202	86,0	14	6,0	10	4,2	24	10,2	9	3,8
1890-1899	192	82,3	1	0,5	14	6,7	15	7,2	1	0,5
1900-1909	172	97,2	3	1,7	2	1,1	5	2,4	-	-
1910-1919	196	94,2	4	2,0	8	4,0	12	5,9	-	-
1920-1929	333	92,5	12	3,3	15	4,2	27	7,5	-	-
1930-1939	359	88,4	28	6,9	19	4,7	47	11,6	-	-
1940-1949	353	71,5	76	15,4	62	12,6	138	27,9	3	0,6
1950-1959	431	65,4	121	18,4	104	15,8	225	34,1	3	0,5
1960-1969	290	56,8	123	24,1	86	16,8	209	40,1	12	2,3
Total	2633	77,8	384	11,3	326	9,6	710	21,0	41	1,2

Fonte: NADALIN, 1978:164;84

\*\*\*